



Lucia Fonseca

**O PARAÍSO ERA ANTES**  
poemas e ilustrações

EP

Formada em História Natural, Lucia Fonseca trabalhou alguns anos em pesquisa, com artigos publicados na área de genética humana. Entre 1980 a 2000, atuou em administração de ciências, na Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP. Começou a escrever regularmente no início da década de 70, publicando poemas em suplementos literários de alguns jornais.

Em 1980 aparece o primeiro livro, *Invenções do Silêncio*, pela Livraria José Olympio Editora. Nesse mesmo ano recebe o Prêmio Emílio Moura da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, com *Rede Fluvial*, publicado em 83, também pela José Olympio.

Publicou outros livros em poesia, romance e memórias, participando ainda de antologias e livros de contos.

*O Paraíso era antes* é o seu oitavo trabalho e o primeiro em que aparece como ilustradora. É casada, tem três filhos e três netos, a quem este livro é dedicado.

## O PARAÍSO ERA ANTES

poemas e ilustrações

**Lucia Fonseca**

design **Elianne Canetti Jobim e Renata Ratto**  
revisão de texto **Rosane Ramos**  
produção gráfica **Zé Flávio**



**O PARAÍSO ERA ANTES**  
poemas e ilustrações

Editora da Palavra 2008

✿ SUMÁRIO



DEDICATÓRIAS	6
RETORNO	14
1 / 2 / 3 / 4	
OS IRMÃOS	24
A CASA	30
1 As Horas	
2 Noturno	
3 Presságio	
4 Nascimento Silva, 283	
SEMPRE	40
1 Verão	
2 Circo	
3 Instante	
4 Instantâneo	
5 Desenho	
6 Aquário	
7 Luz	
NOTA DA AUTORA	50

 DEDICATÓRIAS

*Para meus netos Rafael, Júlia e Bernardo,  
que ainda trazem nos olhos um reflexo das luzes e sombras do Jardim.*





Vinhas de maio – de quando madrugam as rosas.  
 Vinhas do fundo do mar,  
 de pensamentos de neblina e azul.  
 De neblina e azul teus gestos,  
 as pequenas mãos submarinas.  
 Em vermelho abriste caminho para o mundo,  
 em vermelho te cortaram o cordão.  
 E chegaste do fundo da caverna  
 com uns restos de treva  
 colados à pele,  
 expondo no ventre, por cicatrizar,  
 o sinal selvagem da tua impureza.

Depois ainda te vi lavado,  
 ungido de óleos e essências  
 e vestido de branco,  
 como para secretos ritos.  
 E do berço agitavas os braços  
 como de uma barca  
 pedindo que te salvassem.  
 Mas porque cheiravas a sono e cólica,  
 como um dia cheiraram teu pai e tua mãe,  
 isento ainda de leite, desligado mesmo de nome,  
 porque eras coberto de penugem  
 e tinhas uns restos de asas,  
 eras tu,  
 ah, eras tu que salvavas.



✽

Das trevas do coração, do abismo,  
caíste no mundo como um fruto maduro,  
os olhos ofuscados pela luz terrena,  
os cabelos molhados, colados ao crânio,  
coberto por um velo de penugem,  
impuro ainda de secreções.

Trazias no ventre a marca universal do corte,  
ainda não cicatrizada;  
na fronte macia,  
a singularidade da tua condição de recém-chegado.  
Bebeste o ar com avidez e susto.

Foi preciso lavar teu corpo,  
enfaixar-te,  
ungir-te com óleos e essências,  
vestir-te em roupas defumadas,  
esperar sete dias pela cicatriz do cordão  
para submergir-te de novo nas águas  
e te fazer renascer mais puro.  
Iniciar-te segundo o rito do teu tempo e da tua família.  
E porque eras, a cada vez, a alma e o animal em estado bruto,  
a pureza total, ainda que impuro,  
porque eras o selvagem  
e trazias contigo os sinais do Paraíso e do terror da queda,  
do absoluto e da divisão,  
eras também, para nós,  
a oportunidade renovada de reatar liames,  
de, a cada vez, criar, domesticar, civilizar,  
exercitando a disciplina diária, miúda e persistente do amor.

✽ 2

O que restou da infância solitária?  
O que ficou da mocidade mal cumprida?  
Ai, campo de papoulas!

*Para Marcello e Nilo, irmãos que partilharam quintal e jardim*





*e ainda para as crianças que foram Gabriel e Silke,  
Marcelo e Gisela, Rodrigo e Mônica.*

*Com agradecimentos a Maria Angélica de Sá Earp,  
Elianne Canetti Jobim e Renata Ratto, pelo olhar.*





✿ RETORNO



✿ I

Uma cortina se abriu,  
madrugada.  
E eram de novo as noites antigas  
desdobradas a meus pés.

Uma cortina se abriu,  
madrugada,  
desvelando os países da infância  
sobrevoadada.

E eram campos amanhecidos,  
eram cortinas de lágrimas,  
eram dosséis de neblinas,  
eram serpentinas claras  
e arco-íris molhados.  
E me virava na cama:  
– Não quero voltar, sussurrava.  
Mas meus olhos se volviavam  
para a paisagem longínqua  
que me chamava.  
– Não quero voltar, segredava.  
Mas meus pés eram sugados  
e asas me conduziam  
às landes de outrora-sonho.  
E minha respiração era um longo suspiro,  
uma ponte,  
uma artéria  
conduzindo ao coração,  
turvo lírio pisado.





Acordo cedo, menina, e mamãe  
em sua veste florida,  
trajada de Primavera,  
já deu corda na casa,  
já deu corda na vida.  
No quarto,  
as cortinas afastadas  
para o dia que se levanta.  
Um raio certo de sol  
fura a folhagem da amendoeira,  
atravessa a janela,  
inunda de saúde travesseiros e cobertores  
dispostos sobre o peitoril  
e vem aninhar-se nos lençóis da cama desfeita.  
A manhã é um grande bolo estufado e amarelo  
que sai do forno prometendo suas passas.  
Pardais e bem-te-vis cantam.

No banheiro,  
a água brinca nas torneiras  
e no esmalte branco da pia.

Na cozinha, a mesa posta,  
cheiro de café fresco e pão quente,  
a água chia na chaleira,  
o leite ferveu.  
O tique-taque dos relógios empurra  
as nuvens bojudas no céu  
e mantém firmes em seu curso  
a casa, velas infladas,  
a infância, velas enfunadas.

Hoje levanto-me tarde.  
Há louça suja na pia.  
A casa bóia à deriva.  
A vida, adernada, encalhou.





Olho para baixo. A boca não sabe nada.  
Os olhos, sim, vêem mesmo o que não entendem.  
Pernas e braços são como rios.  
Por eles vêm nadando os peixes.  
As pedras quietas. Tudo tão frio.  
As ondas do mar muito longe.

Estendo as mãos para o mar.  
Os dedos ficam perdidos entre os cabelos.  
E puxo o mar com meus dedos,  
as ondas vêm devagar.  
Vêm os barcos, vêm as redes,  
vem a memória calada,  
pesada de tanto mar.  
Os dedos puxam longos fios  
de infinitas paisagens sem volta.  
Lá, onde ficou a infância  
olhando tudo com olhos maiores.

O arrastão era quase de noite.  
Os barcos vinham de longe,  
muita força pra remar.  
Os homens vinham cantando,  
muitos homens, outros homens,  
e até meninos pequenos  
vinham de longe ajudar.  
“Vamos-maninha-vamos-à praia passear...”  
O barco vinha do céu,  
trazendo os peixes do mar.

As redes vinham do fundo,  
os peixes vinham tremendo,  
olhando o céu tristemente,  
beijando a morte no alto.

As redes vinham redondas.  
Começavam a ferver ainda no raso,  
e as crianças pulavam aos gritos,  
as duas filas de homens, as cordas esticadas,  
os músculos brilhantes de suor e sal,  
“Eeeeei - ôôô... Eeeeei - ôôôô...”  
arrastando, trazendo para o dia  
o peso da riqueza pressentida: cardume.  
E era festa. Comunhão e sacrifício.  
Religiosa como poucas.

Um polvo viera por acaso,  
uma arraia viera por acaso.  
E o pescadores repartiam esses frutos estranhos.  
— Se come sim, ensopado é uma delícia,  
disse um velho.

Segurava com atenção  
o peixe que morria vivo em minha mão.  
Bebia a noite aos goles, devagar,  
a noite que, derramada sobre seus olhos descobertos,  
desmaiava-lhe as cores, retocava-lhe o contorno,  
ia pondo paralelas tristes no seu desenho definitivo.  
E desprendia um cheiro escuro, uma baba  
que só podiam vir de dentro.  
Um menino pôs areia entre seus dentes,  
sujou seu olho,  
e quando fui lavar,  
ele tremeu mais, lembrou da água.





O arrastão era bem de tardinha  
e quando saíamos da praia  
era de lua e estrela o céu vivo  
como num desenho.

– Mãe, ele sente dor? Ele tem sangue, mãe?  
O cheiro escuro vinha de dentro dele.  
O brilho, a prata, a festa eram só por fora.  
Mas as perguntas ficaram caladas.  
Porque havia tanto para ver  
e queríamos guardar o peixinho,  
queríamos comer peixe frito – só nosso – no jantar:  
chuveirada de luz acesa, água doce quase morna,  
pele fresca, sabonete e talco,  
cabelo pingando nos ombros,  
luz amarela e baça de azeite na cozinha,  
janela aberta, véu de cupins, jasmim.

– Olha o filhote de tubarão-martelo!  
E andávamos à volta do círculo de pernas  
em torno da rede,  
procurando uma brecha para espiar.  
A barriga branca da arraia subindo e descendo,  
as fendas se abrindo, coisas de ver sem entender.

– ... não bole aí, menino... cuidado...  
bicho danado, custa pra morrer  
... que ele tem ferrão... isso não presta pra nada,  
tem veneno...

E o baiacu inchava, inchava,  
tão grande que mal cabia nos olhos,  
diziam que estourava, nunca vi  
mas dava medo, uma espécie de nojo,  
e os meninos jogavam areia, de maldade.

O arrastão era bem de tardinha, frio.  
Quando chegávamos à calçada,  
encontrávamos a noite de repente  
nas luzes acesas, no bafo do asfalto.

E o peixe, na minha mão,  
ia de nadadeiras fechadas,  
esticado como um pedacinho de tábua.





Meu olhar dos cinco anos,  
grave e atento – o rosto sério,  
as plantas oferecidas,  
toda a natureza quieta,  
um segredo em cada pedra,  
cada semente – um mistério.

Tocar uma sensitiva  
– olhos e dedos alertas –  
ver meu toque se espalhando  
como arrepio correndo,  
traço riscado na espinha,  
rápida escala ao piano.

Olhos abertos diante  
daqueles outros – fechados,  
fina linha verde-clara  
de folíolos ordenados  
par de lábios que nos calam  
a resposta desejada.

Meu olhar dos cinco anos:  
a menina toda quieta.  
Um segredo em cada esquina  
pelos caminhos do tato,  
sem saber o tempo todo  
que eu mesma era a sensitiva  
de mim para mim – fechada.





Eis as crianças.  
Como retratos colados em grandes álbuns abertos,  
como insetos capturados no âmbar,  
os irmãos ficaram  
suspensos na teia do instante,  
surpreendidos pelo clarão das luzes  
e pelo olho certo das lentes.

(A hera se alastra, cobrindo paredes.)

Os irmãos ficaram morando  
num tempo remoto de profundos quintais,  
sob a chuva continuada dos jasmineiros,  
segurando a boneca, empunhando o tambor,  
contemplando horizontes fechados  
com grandes olhos pensativos,  
sustentando sobre os ombros  
o peso do futuro.

(A hera se alastra, cobrindo muros.)

Sim, houve essas crianças que ficaram  
no fundo recuado dos quintais,  
em pequenos jardins murados,  
cercadas de uma vegetação esmaecida e sufocante,  
o vento parado, os areais cinzentos,  
tendo às costas  
bosques inverossímeis,  
pontes e troncos de pedra,  
cachoeiras congeladas,  
estalactites gigantescos.

E ainda hoje, os irmãos residem nesse espaço,  
pousados sobre a palma horizontal do acaso,  
em altas páginas, abertas aos pares  
como portões ou suspiros.

Permanecem assim, unidos,  
para além dos acontecimentos,  
para além da Morte,  
além de qualquer palavra.

✽

Um mamoeiro, um balanço,  
um pé de maracujá.  
E o segredo de suas flores arroxeadas:  
paixão e martírio – passiflora.  
O quarador, a cisterna  
e o barulho da água caindo.  
A garagem com o quarto em cima,  
a escada externa, o pé de madressilva  
ao longo do corrimão.  
Um tanque, uma bacia de anil  
e eis o quintal.  
Ao lado, a entrada da garagem  
e a latada de jasmim.  
Na frente, um gramado, o pé de manacá  
e a cerca de ficus: ocos  
por onde jogar folhas,  
como se fossem mensagens,  
pequenos frutos de estalar nos pés.  
Uma gota de resina,  
uma casca de cigarra,  
e trilhas de formigas pelo chão.  
(E a cigarra viva, uma noite, entrando pela janela.)  
O abelhão visitando as trepadeiras  
e eis o jardim.  
Quintal e jardim, eis o mundo  
onde sofrer a infância.



✽

Eis as crianças.  
Paradas naquele lugar  
onde sofreram a infância.  
Como fantasmas que nunca abandonaram  
o local de um crime.  
É um quintal,  
há árvores gigantescas e uma vegetação lívida e malsã.  
Sim, as crianças estão lá,  
fantasmas acorrentados àquele lugar.  
O tempo passou, o pai morreu,  
o irmão morreu, a mãe morreu,  
secaram as cacimbas, a grama secou,  
formigas assaltaram ninhos,  
a erva de passarinho atacou as frondes  
e a inocência foi corrompida.  
Restou quase nada. Quase nada de tudo.  
Mas ainda hoje, quando visita o lugar,  
quando, senhora, visita o lugar,  
a menina percebe que ficou um resíduo:  
uma pontada do lado esquerdo,  
um sorvo de sangue no fundo da xícara.

✽

As crianças estão lá,  
seres incompletos,  
num misto de sono, tédio e espera.  
São como larvas,  
como lagartas  
ocupadas em crescer e fiar a própria morte.  
São como pupas adormecidas  
em suas crisálidas,  
enquanto no escuro se processa  
a metamorfose.  
Incompletas para sempre,

pois que se esperam completas  
quando não mais existirem.  
Um dia, num tempo de asas,  
seu sonho de borboleta,  
um sonho de morte,  
um sonho de serem outras.  
E ainda assim querem crescer,  
porém se aferram à infância.  
Por isso são tão pensativas,  
por isso são tão tristes, as crianças.

✽

E tenho visitado a infância,  
tenho voltado lá.  
Lá, onde ficou a menina  
olhando tudo com olhos maiores.  
Tenho visitado a infância com seus dias:  
o raio de sol filtrado pela fresta  
criando turbilhões de poeira,  
a papa-moscas na parede caçando silêncios.  
Tenho visitado a infância e suas noites:  
a varanda de caibros e telhas vãs,  
lagartixas em travessias elétricas,  
e cordas prateadas de goteiras – cheiro de chuva.  
O jasmineiro se espreguiçando,  
deitado de lado sobre a latada,  
como um gato sobre um sofá.  
Passo pela rua da casa antiga,  
hoje demolida,  
e como um membro-fantasma ela me dói.  
A casa: um diamante intacto  
entregue à gula do tempo.  
Tenho voltado como voltam os fantasmas  
ao local de sua pena.  
Será, assim, tão doloroso, o Paraíso?

✽

Tenho voltado à infância  
como voltam os fantasmas  
ao local de sua pena.  
Será, assim, tão doloroso, o Paraíso?  
Adão era solitário.  
E o Senhor lhe fez uma companheira.  
Mas Eva também estava só  
ou não teria dado ouvidos à serpente.  
O Senhor lhes fez dom da palavra  
para tudo nomearem  
e a tudo se oporem:  
vegetação e bichos – únicos companheiros.  
Foi essa a primeira separação,  
foi quando começaram a ser expulsos.  
Conheceriam então o amor,  
mas viram que estavam nus,  
com vergonha e, talvez, com frio.  
O Paraíso era triste,  
por que sentiriam saudades?  
Ah, porque foi a primeira morada, e era belo.  
Belo, perturbador e triste.  
E isso eram já saudades.

✽

O Paraíso era antes,  
muito antes.  
O Paraíso era na infância,  
num fundo recuado de quintal  
por onde passava um riacho.  
O Paraíso eram os cinco anos:  
a mãe, o pai, o irmão  
e aquela cumplicidade de dois diante de outros dois.  
O Paraíso eram as profundas sombras das mangueiras

e as poças de luz no chão,  
gotas de resina pelos troncos,  
o sol parado no meio da tarde,  
e as infindáveis trilhas de formigas-ruivas.  
Eram as nuvens tapando o sol,  
o mundo perdendo o brilho  
para novamente se abrir em luz:  
claro, escuro, claro, escuro, claro...  
Eram os trovões agarrados ao cheiro de terra,  
os vidros embaçados,  
a cortina prateada das goteiras  
e as lagartixas cruzando os altos caibros da varanda  
junto às telhas.  
Era o dedo encostado na folha da dormideira.  
O Paraíso era um lugar bom dentro da menina,  
onde morava com a mãe, o pai e o irmão,  
assim, completo.  
O Paraíso era um lugar antes.  
Antes de morrer o irmão e tornar-se única  
– pé de sapato, mão de luva –  
de assistir ao choro incessante da mãe,  
e ouvir soluços no quarto ao lado.  
Antes das tardes foscas no cemitério,  
o calor branco,  
o mundo amortecido de repente para nunca mais.  
O Paraíso foi antes, bem antes, muito antes.







## ✿ A CASA

## ✿ I As Horas



A casa coberta de hera,  
as salas grandes, escuras,  
a casa toda de pedra  
escondida atrás dos muros.

Gorjeios, arrulhos, penas,  
no quarto, o sol da manhã,  
flecha certa e compasso,  
vai descrevendo o seu arco  
em cuja barca de vidro  
navegam horas-princesas.  
No bisel do espelho, a luz  
abre um leque colorido  
repetido na parede,  
com caprichos de pavão.  
O losango dos postigos,  
o raio dourado e oblíquo,  
puro riso da poeira,  
alçapão que se derrama  
em moedas pelo chão.  
Roupa lavada e lavanda,  
peitoril e cotovelos  
cumprimentando a manhã.

Jorros de água fria e espuma,  
pés descalços, sabonete,  
as lajotas do banheiro,  
o friso das mais estreitas,  
geométrico desenho  
interrompido num ponto  
pela lajota invertida  
na distração do pedreiro.



A casa coberta de hera,  
as salas grandes, escuras,  
a casa toda de pedra  
escondida atrás dos muros.  
A casa toda em espera,  
o sol mudando seu curso,  
carregando dias, meses  
em barca de vidro azul.

Meio-dia no quintal,  
mamoeiro e quarador,  
tanque, bacia de anil.  
Começa a tarde nas salas:  
o piano sonolento  
como um gato fecha os olhos  
na digestão das escadas  
de que seu bojo está cheio.  
Os espelhos cochilando,  
e, cerradas as persianas,  
na meia luz, afogadas,  
como fantasmas felpudos,  
as poltronas de veludo,  
a conversa sussurrada  
das faíscas dos metais,  
das faíscas dos cristais,  
tique-taque de relógios,  
rosas no centro da mesa  
sobre o sono do lalique,  
cheiros de cera e verniz.  
As escadas enceradas,  
patamares, clarabóias,  
papa-moscas nas paredes,  
caçadoras do impossível.

Quatro horas no quintal,  
junto à laje da cisterna,  
o balanço na latada  
do pé de maracujá.  
O abelhão na trepadeira  
e a tarde, pelo jardim,  
flor a flor, zumbido tenso,  
vão tecendo a rede elástica  
onde se agarra o silêncio.

A noite das lagartixas  
e do cheiro de jasmim.  
Um gato atravessa o muro,  
sua centelha incendeia  
a artilharia dos cães  
cruzada no quarteirão.

A casa coberta de hera,  
as salas grandes, escuras,  
a casa, bojo da espera,  
o sonho todo de pedra  
escondido atrás dos muros.

Sereno e frutas no chão,  
a noite se expande imensa,  
a casa inflada, suspensa  
no seu sono de balão.



O ranger das redes,  
o ranger das portas,  
os faróis noturnos  
pelas horas mortas.

Vertido na noite,  
o mel do meu sono,  
correndo em meu corpo  
um sangue sem dono.

O ranger das portas,  
o ranger das redes,  
a hera subindo  
rasteira às paredes.

Aberta em meu rosto  
a flor do abandono  
atravessa a noite  
em prismas de sono.

Ferindo-me os olhos  
tua carne nua,  
ferindo-me a carne  
a dor de ser tua.

E a dor se infiltrando  
em dores antigas  
como o óleo da lua  
por sobre ruínas.

E a mosca da tarde  
tecendo silêncios,  
o rádio distante  
sublinhando o sono,  
o imenso vazio  
de um domingo imenso.

E minha tristeza  
de coisa parada,  
nas casas caídas  
e nas poças d'água.

E os barcos sem dono  
em rotas de medo,  
as horas sem rumo,  
o interno degredo.

O ranger das redes,  
o ranger das portas,  
os faróis noturnos  
pulsando certos  
pelas horas mortas.

O ranger das portas,  
o ranger das redes,  
a hera rasteira,  
o tédio furtivo  
cobrindo paredes.



Ah, quem veria, ao olhar esta casa,  
os líquens de tempo pelas paredes,  
as sombras de mortos pelas arcadas,  
pelas varandas e dentro das redes...

Quem a veria com vidros já baços?  
Quem saberia, no forro, as goteiras?  
Quem pensaria a invasão conjugada  
de formigas-ruivas, de trepadeiras?

Ah, quem veria os arbustos de agora  
trançando galhos por sobre o telhado,  
lançando sombras no assombro da hora  
– partido espelho, ponteiros quebrados.

Quem poderia em fissura de tempo,  
vê-la em seu sono, em seu pasmo e poeira,  
como alguém que, num quebrado momento,  
por baixo da face, visse a caveira?...

Só quem andasse por vãos labirintos,  
quem se perdesse em desvãos de memória,  
esse veria o que vejo e pressinto  
na casa branca que vedes agora.





A casa branca jaz tombada.  
Onde andarão as salas frescas,  
onde o silêncio, as correntezas  
que tinham lá sua morada?

E o giro das chaves nas portas?  
E os segredos de cada quarto?  
Onde as paredes que, compactas,  
beberam minha infância morta?

Onde os fantasmas que calavam  
e o sol filtrado pelas frestas,  
a posição dos quadros – certa  
e as coisas que as horas gastavam?

Onde ficou o tempo parado,  
alto relógio sem ponteiros,  
a papa-moscas na parede  
caçando os silêncios da tarde?

A casa branca jaz por terra.  
Procuro nos montes de entulho  
a forma de um corpo na rede,  
o tanque visto da janela,

a chuva molhando a varanda,  
o meu lugar na mesa posta,  
o som dos meus passos na escada...  
Mas morto o corpo das lembranças,  
resta buscar em velhas fotos  
e no chão raso, e encontrar – nada.

Encontrar nada e trazer tudo  
debaixo dos montes de entulho  
que a vida me tem reservado.  
A casa branca bem guardada.  
Entre silêncio e correntezas,  
pela sombra das salas frescas,  
a casa branca em mim – tombada.

No centro da folha  
palpita a cigarra,  
seu sonho dourado  
escorre na tarde.

No sono da folha  
palpita a cigarra,  
seu grito de ferro  
é mel que borbulha  
fervendo, escorrendo  
no sono da tarde.

No sono da tarde  
crepita a cigarra,  
qual trêmula chama,  
fogueira que estala,  
serrote de cobre  
serrando os azuis,  
cortando os fantasmas  
das árvores mortas.

No centro da tarde  
palpita a cigarra,  
deusa diminuta  
nutrida das horas,  
da cor que circula,  
resina que escorre  
do seio da tarde.

Picado no centro,  
palpita, sangrado,  
e vai desmaiando  
o coração da tarde.



✧ 2

## Circo



A luz entra aos losangos pela vidraça.  
Um arlequim se espreguiça no sofá  
estendido sobre almofadas.

Deitado sobre a corda bamba, o sonho,  
deitado na corda bamba, um ontem, um gato,  
um equilibrista invisível  
num monociclo de prata,  
soltando chispas.  
Pandeiros tremulam fitas.

Fechada a janela, o picadeiro vazio  
depois do espetáculo.

✧ 3

## Instante



No pátio do hotel  
as folhas vermelhas  
caídas no chão.

A entrada, o tapete,  
três folhas caídas  
da minha mão.

Silêncio amarelo:  
furtivo momento  
em que fui outono.

✧ 4

### Instantâneo

Depois de sugar um coração até esgotá-lo,  
o beija-flor, em dois golpes de asa,  
em fogo verde, o poderoso beija-flor  
sacode o ramo da laranjeira,  
devasta as flores suspensas.

O chão: macio tapete branco.





\* 5

## Desenho



O pingo de luz desliza sobre o fio da teia,  
como uma roldana sobre um cabo.  
E vai-nos desvendando seu caminho.

\* 6

## Aquário



Os frutos verdes à sombra do figo.  
Pequenos estalos espalhados sob os pés.  
O colo de bronze das estátuas.  
As mãos desvendando o mistério dos traços imóveis  
de tudo ausentes.  
O sol em silêncio,  
o amplo quadrante da praça,  
os quatro cantos do vento: infância.

Pela janela,  
o raio de sol.  
Qual rede no alto suspensa,  
um raio curvo de sol,  
um berço de luz,  
uma barca,  
um ninho, uma nave.

O sol parado no meio do céu,  
a tarde presa num canto da sala,  
o raio oblíquo  
colhendo na hora  
plumas de poeira  
e poças de luz  
— luxo desse silêncio.  
Açude.  
Infância.  
Paraíso.



## ✿ NOTA DA AUTORA

EM PEQUENA TINHA O CHAMADO *JEITO PARA DESENHO*, o que provocou meu encontro com aulas de pintura a óleo, por cerca de ano e meio, aí pelos dez, doze anos.

Entre os vinte e os trinta, procurei desenhar os rostos de meus filhos pequenos, a partir de fotografias e da observação atenta de bocas, olhos, narizes, sorrisos. São os rostinhos que aparecem na página 12. Esta experiência ficou por aí, para ser repetida, quase quarenta anos depois, com os rostos dos meus netos (pp. 8 e 9).

De 1976 a 1977, freqüentei aulas de gravura em metal, no *atelier* do gravador José Lima. É desta época a gravura da página 41. Infelizmente não dei continuidade à experiência, mas este primeiro contato se fez presente nos poemas sobre trabalhos de Anna Letycia, de José Lima e sobre fazer gravura, que, para mim, mantém um paralelismo com o fazer poético: algo que começa com uma frase ou imagem nuclear, vai-se compondo e tomando forma em versões sucessivas sobre essa matriz que, em certo ponto, dá origem a numerosas cópias impressas.

Depois de me aposentar, voltei à gravura. Participava já de uma turma de aquarela de Maria Angélica de Sá Earp, que tem sido uma professora sensível e atenta. Um olhar carinhoso e agudo que vê além, ensina e descobre junto. No Parque Lage, e sob a orientação de João Atanásio, gravar vinha se mostrando ainda mais imbricado com escrever, pois comecei a trabalhar em imagens relacionadas ao que estava escrevendo e vice-versa. Eu queria, com a vegetação real impressa no verniz mole, criar cenários em torno de silhuetas ou fotografias de crianças, lembrando os jardins de velhas casas ou os estúdios de antigos fotógrafos, com seus fundos de bosques improváveis e fanadas maravilhas. Consegui algum resultado na gravura da página 13. Com a técnica de imprimir imagens através de xérox, surgiram as crianças como figuras dentro de jardins modificados a partir da Primavera de Botticelli, ou do Paraíso de Rousseau (pp. 24, 26 e 29).

Mas a gravura em metal exigia músculos que eu não mais possuía e, aos poucos, foi-se tornando clara a necessidade de um afastamento definitivo.

Enquanto achava que voltaria, pintei com aquarela algumas cópias de gravura, que considerava provisórias (pp. 13, 24, 26, 29 e 30). Trabalhei no papel o que deveria ser trabalhado na chapa. Afinal, o provisório tornou-se o definitivo, o que parecia preliminar mostrou-se o possível. Tentei ainda fazer, com aquarela, coisas que lembrassem gravura (p. 45). Até buscar o que aquela técnica oferece em cores, manchas, leveza.

Mas continuava a trabalhar sempre com temas afins à escrita, enquanto reunia as poesias que se tornaram *O Paraíso era antes*. Um núcleo de poemas novos, aos quais naturalmente se agregaram outros, mais antigos. Surgiu então a idéia de publicar a coletânea, ilustrada com as imagens que pertenceram ao mesmo momento e povoaram o mesmo universo.

Para fazê-lo, contei com a competência e carinho inestimáveis de Elianne Jobim e Renata Ratto. Certamente minhas imagens foram aproveitadas da melhor maneira possível e fui mais consultada e ouvida do que seria por quaisquer outros designers.

Tenho pensado muitas vezes na ousadia de trazer a público gravuras e aquarelas de amadora. Levei dez anos escrevendo antes de publicar um livro. Mas logo percebi que não publicaria os poemas sem as ilustrações, pois poemas e imagens entrelaçavam-se e dialogavam. Pertenciam-se. Além disso, a idade traz novas perspectivas ao antes, ao agora e ao depois, ao que fizemos, fazemos e ainda faremos. Não sou, ou não me tornei, através da vida, uma artista plástica, mas não tenho mais muitos dez anos para ficar esperando. E, para além de tudo o que foi dito, a publicação conjunta seria, no mínimo, a satisfação de um desejo a que me daria direito.

Além dos quadros citados, recorri também a imagens de livros ou fotografias para reinterpretá-las. Assim, nos desenhos de golfinhos e barcas, o ponto de partida foram afrescos da cidade pré-histórica de Akroteri, Santorini. Nas aquarelas de flores e peixes, trabalhei com imagens de animais e plantas vistos através de raios X, do livro *Piercing the Surface: X Rays of Nature*, de Carlo e Stefano Greco, 1987, ed. Abrams. O fundo do mar com peixes estranhos parte de um mosaico romano, do Museu Arqueológico de Nápoles, e as duas versões da samambaia, da fotografia de Luiz Cláudio Marigo no livro *Jardins e Riachinhos*, com texto de Guimarães Rosa, 1983, ed. Salamandra.

Quanto ao texto, diria o que Cecília Meireles diz no prefácio de sua tradução de *A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*, de Rainer Maria Rilke. "Sobre um poema quase nunca há nada a dizer. Deseja-se que seja amado, se for possível". Isso me leva a Baudelaire, no poema-epígrafe de *Les Fleurs du Mal*: "Lis-moi, pour apprendre a m'aimer". Creio que muitos livros trazem consigo estes dois pedidos. Os meus, certamente, sim. Talvez este, em especial. Sempre amei e ainda amo os livros de figuras. Agora já tenho o meu.

copyright © 2008 Lucia Fonseca

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
F744p

Fonseca, Lucia, 1940-  
O Paraíso era antes: poemas e ilustrações / Lucia Fonseca. - Rio de Janeiro: Editora da  
Palavra, 2007. 52p.: il.

ISBN 978-85-98348-14-8

1. Poesia brasileira. I. Título.  
07-4506.

CDD: 869.91  
CDU: 821.134.3(81)-1

A edição deste livro foi produzida no Rio de Janeiro e impressa pela ZIT Gráfica e Editora Ltda., em 2008, sobre papel offset 120g/m2, com uma tiragem de 500 exemplares. O projeto gráfico empregou as famílias tipográficas Mrs. Eaves e Poetica Ornaments.



ISSN 078-85-08348-14-8



9 788566 348148